Prefácio

Eliseu Savério Sposito

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SPOSITO, E.S. Prefácio. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 17-20. ISBN 978-85-7511-443-8.
<https://doi.org/10.7476/9788575114438.0002>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio

Um prefácio é, por definição, uma apreciação do conteúdo de um livro de forma pessoal, com destaque para alguns aspectos que se sobressaem para quem o escreve. Neste caso, aceitei o desafio dos autores para expor algumas ideias sobre o livro que ora se apresenta.

Início pelo mote básico da obra: a metodologia da pesquisa qualitativa. Não há textos com várias tendências metodológicas, mas apenas uma. Os diversos autores que assinam os textos se ativeram à proposta do livro e apresentaram suas ideias segundo a convicção de cada um.

Antes de continuar a falar sobre a coletânea, permitam-me uma regressão. Quando, em 2004, publiquei o livro *Geografia e filosofia*, tinha em mente levar, principalmente para os geógrafos, uma proposta de conceituação do método, seus componentes e o debate de alguns temas. A motivação, naquele momento, era a escassez de textos sobre metodologia escritos por geógrafos e, mais ainda, a utilização incorreta do método (e de muitos encaminhamentos de pesquisa que eram designados como método) em inúmeros trabalhos geográficos. Acreditava e continuo acreditando que a carência de textos sobre o método decorre do distanciamento interdisciplinar com a filosofia, embora a história do pensamento geográfico e a epistemologia da geografia sejam especialidades de muitos geógrafos.

Na geografia, o conhecimento tácito do trabalho de pesquisa inspirado nas monografias francesas, de grande influência nas práticas dos geógrafos brasileiros, marcou indelevelmente a prática de gerações de investigadores que não tinham como preocu-

pação o debate do método. Ele estava dado pela estrutura dos trabalhos inspirados na influência francesa e bastava segui-la. Nessa estrutura, primeiro traçava-se o quadro natural da área estudada; em seguida, os aspectos econômicos eram salientados; e, finalmente, a população (assim mesmo, genericamente) era o objeto da análise. As partes tinham conexão pela área e não por articulação entre elas, mesmo que excelentes trabalhos tenham marcado a produção do conhecimento geográfico em todo o século XX.

É claro que estou fazendo, neste momento, um esboço generalizante de uma história rica que foi fundamental para se conhecer o território brasileiro. No entanto, do ponto de vista do método, não havia preocupação em se saber qual era utilizado. Por outro lado, era possível notar o rigor nas técnicas de trabalho de campo, na busca de obras básicas para se aproximar da área estudada e na organização dos resultados. O uso de esboços, fotografias e relatos minuciosos do que se observava era outra característica dos textos de uma geografia de forte componente empírico.

Quero enfatizar essa última questão: a componente empírica materializada nos trabalhos de campo, lado sempre presente na geografia brasileira. Tal aspecto é a ponte que faço, agora, com este livro. Os autores se propuseram a organizar uma obra com textos de vários estudiosos que tinham, como fio condutor, a pesquisa qualitativa. Fecho o círculo: a pesquisa qualitativa não prescinde da pesquisa de campo. Essa característica está presente – muitas vezes de maneira repetitiva – sublinhada, lembrada em quase todos os textos.

Sempre enfatizando a pesquisa qualitativa, os autores utilizaram o método hermenêutico e a pesquisa-ação, por exemplo, de maneira clara e definida. A observação foi a prática mais abrangente. Mesmo que tenham surgido preocupações com a ideia e a materialidade (par que pode ser utilizado dialeticamente), outro par dialético também foi elemento estruturante em diversos textos: interioridade e exterioridade.

A preocupação, na pesquisa qualitativa, baseia-se em como captar as permanências e transformações do ponto de vista do pesquisador e do pesquisado; ou seja, do ponto de vista daquele que olha a realidade, submerge nela e procura explicá-la pela compreensão do pesquisado. A dificuldade, neste caso, está em descrever, de maneira clara, o que o objeto “tem a dizer”, sem deturpar o que se observa e sem transformar aquilo que se observa em objeto próprio do pesquisador. E aí reside, em minha opinião, a grande dificuldade da pesquisa qualitativa. É preciso olhar o objeto “por dentro”, entrar no objeto, descrever suas partes, articular suas características sem se deixar contaminar por ele ou, mais ainda, sem contaminá-lo com as ideias preconcebidas do pesquisador, sujeito fundamental na relação com o objeto (aquilo que é estudado).

É preciso saber o que é qualitativo e o que é quantitativo. Não há limites físicos entre essas palavras. Por isso, o pesquisador tem de incorporar o método praticando-o. Como o método não é uma receita pronta, é preciso, primeiro, incorporá-lo na prática

científica e, depois de utilizá-lo como intermediário na percepção da realidade pelos órgãos dos sentidos (os intermediadores entre o ser humano e aquilo que chamamos de realidade objetiva), não falar por ele nem deixá-lo falar pelo pesquisador, pois é este que tem a palavra na descrição, definição e explicação do fenômeno estudado.

Nos textos deste livro, há valorização da imagem, da fotografia, do relato, da entrevista, de aspectos da oralidade – sempre permeados pela observação (capacidade original para a pesquisa, desde Aristóteles) – como possibilidades de compreensão e explicação do fenômeno estudado. Ora pela descrição de casos específicos, ora pelo uso da técnica da amostragem, a qualificação do fenômeno é a motivação para a pesquisa qualitativa, na busca da credibilidade e da confiabilidade dos resultados da pesquisa.

A pesquisa qualitativa, então, é uma maneira atual de se trazer, para fazer companhia aos geógrafos, inúmeros filósofos, sociólogos e antropólogos que praticaram e praticam, há mais tempo, essa forma de compreender e explicar a realidade. O que acontece, portanto, é uma mudança de rumo no pensamento geográfico e em seu diálogo transdisciplinar. Outros interlocutores se afastam da pesquisa qualitativa: economistas e historiadores, em alguns casos, e também geógrafos que seguem bases ideológicas e doutrinárias que não se afinam com a pesquisa qualitativa.

O livro está dividido em quatro partes. A primeira inicia-se com um levantamento de referências para a pesquisa qualitativa em geografia, uma pesquisa exhaustiva de obras que auxiliam nessa direção. Estou ciente de que, apesar de ser uma importante lista de obras e autores, ela é apenas uma abertura para aqueles que querem ir além, procurando outras obras, principalmente em outros idiomas: a produção de textos sobre metodologia se multiplica em outros países e precisamos superar a barreira do idioma para tomar contato com outras propostas. Depois, há uma exposição convicta do método hermenêutico, da etnografia, da análise do discurso e da amostragem. Aos textos sobre o método e as técnicas, acrescentam-se dois recortes territoriais, que são a rede urbana na Amazônia e a ação dos agentes comunitários de saúde.

Na segunda parte, por meio da pesquisa qualitativa, privilegiam-se os estudos rurais. Há diferentes recortes, desde um territorial, como o Sudoeste Goiano, até o reforço do trabalho de campo, da entrevista, da análise do discurso e da pesquisa documental.

Em seguida, na terceira parte, existe um conjunto voltado para a pesquisa qualitativa nos estudos urbanos. Há diferentes formas de se utilizar essa proposta metodológica porque os temas foram as aglomerações urbanas, a geografização das práticas de violência (em três textos), as mudanças na paisagem e os desdobramentos do crescimento da cidade.

A última parte contém outras aplicações da pesquisa qualitativa em diversos estudos geográficos: histórias de vida como fonte de documentação, os garimpos em

Coromandel/MG, os transportes no norte de Minas Gerais, os agentes de saúde em Campina Grande/PB e a exposição do uso das geotecnologias na análise socioespacial.

Acredito que este livro pode ser fonte inspiradora para os geógrafos aceitarem o repto de continuarem a produzir textos, a estimular mestrados e doutorados, a assumir orientações de estudantes em diferentes níveis, enfim, a praticar o método como elemento fundamental e imprescindível para a pesquisa geográfica.

Eliseu Savério Sposito